

## O LEGADO DE PARTEIRAS TRADICIONAIS: MEMÓRIAS E SABERES DE MÃE XANDA NO MUNICÍPIO DE LAFAIETE COUTINHO – BA

**Paulo Roberto Nogueira Silva<sup>1</sup>**

**Bruna Vitoria Nascimento Nogueira<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho investiga, em uma perspectiva teórica e interpretativa como Alexandrina Constantina da Silva “Mãe Xanda” construiu sua imagem de parteira, mulher negra, viúva, em uma sociedade branca e patriarcal. Além de exercer o ofício de parteira Mãe Xanda também prestava uma assistência marcada pelo carinho, pelo afeto e amizade que tinha com as famílias, sendo que em alguns casos fez partos de pessoas de sua família (sobrinhãs e netas), sempre obsequiando a todos com bom humor, sempre atuando com muita competência e capacidade mesmo não tendo escolaridade e nenhum conhecimento acadêmico e científico. Faz-se uma contextualização histórica sobre o legado das parteiras tradicionais, o ofício de partejar que durante muito tempo contribuiu de forma crucial para milhares de mulheres que necessitavam de sua ajuda, de seu toque para trazer o seu filho ao mundo. Trata-se de uma pesquisa social, qualitativa, empírica, que utiliza-se da metodologia da história oral e de abordagem narrativa de antigos moradores do então distrito de Três Morros e do atual município de Lafaiete Coutinho – Bahia, que põe em evidência o ofício de Mãe Xanda durante 49 anos de atuação.

**Palavras Chave: Parteira. Mulher. Legado. Família.**

### INTRODUÇÃO

Este estudo trata-se sobre o trabalho de uma parteira que esbarra na ética do cuidar<sup>3</sup> e abrange uma atividade social em tempos pretéritos. É um estudo de abordagem qualitativa, tem como referencial a utilização da história oral para se chegar ao caso específico de Mãe Xanda.

---

<sup>1</sup>Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidades PPGREC/UESB, Esp. em História e Cultura Afro Brasileira, Esp. em Educação no/do Campo, Graduado em História e Graduando em Pedagogia/UESB. Professor da Escola Municipal José Augusto Barreto – EMJAB, Pesquisador do GEHFTIM/CNPq. [pnogueirasilva@yahoo.com.br](mailto:pnogueirasilva@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia – UNIFTC, [vitoriabrunna667@gmail.com](mailto:vitoriabrunna667@gmail.com)

<sup>3</sup> A ética do cuidar pressupõe uma obrigação sem discussão para as mulheres e configura-se no dever de cuidar, como se elas fossem responsáveis por cuidar do outro, enquanto para os homens seria a ética da justiça, ou seja, o cuidado como um dever meramente de respeito às pessoas protegendo-as de qualquer interferência em sua autonomia ou nos direitos à vida e à auto-realização (ZOBOLI, 2004).



Foi designado como objetivo geral refletir sobre a história de vida de uma mulher que, apesar de experimentar desvantagens sociais, exerce a liderança no poder local através do seu trabalho. Ademais, complementam os objetivos específicos: resgatar dados da história da localidade de Três Morros; enfatizar a liderança feminina na comunidade e reafirmar a identidade étnico-racial, de gênero e laboral de uma parteira. Verifica-se a luta das mulheres para vencer dificuldades, em uma sociedade patriarcal que lhes asseguravam posições sociais de submissão e inferioridade com privação de direitos. Diante de tais constatações surge a pergunta: Por que o trabalho das parteiras foi tão insignificante do ponto de vista da história?

A investigação se justifica porque as heranças históricas das mulheres foram relegadas por conta de um sistema patriarcal que as mantém na invisibilidade devido à condição de submissão e de inferioridade atribuída, sobretudo às negras, analfabetas e de classe social desfavorecida. Fenômenos arraigados no cotidiano vivido impedem de reconhecer o legado deixado por essas mulheres que travaram batalhas em várias frentes, em momentos de carência e falta de recursos elas supriam a ausência quase que total de políticas públicas destinadas à população de classe baixa e enveredaram pelos espaços públicos na função de educar, prover e, principalmente, de cuidar.

## **PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA**

Resgatar a história de uma mulher em especial, através da história oral contada pela população interessou a esse estudo, no sentido de pensar e debater paradoxos existente entre a memória coletiva e a história, além de registrar e organizar textualmente o acervo oral da localidade. Desse modo, o resgate histórico foi realizado com a análise da trajetória de vida da personalidade destacada na região por pessoas que tiveram familiares beneficiados com a sua atuação.

A história oral além de acrescentar, traz novas perspectivas para a historiografia, pois o historiador na maioria das vezes necessita de documentos variados, não apenas os escritos para realizar seu trabalho. Se a história oral busca registrar impressões, vivências, lembranças de pessoas que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade, esta permite um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não seria possível. O documento escrito deixou de ser o repositório exclusivo dos restos do

passado. Os estudos de Thompson (1992) mostram que a história oral tem se revelado útil na reconstituição de saberes, experiências vividas no cotidiano, auxiliando na compreensão de processos históricos.

Toda fonte histórica deriva da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta (THOMPSON, 1992, p. 197).

Nesta perspectiva, referenciar as fontes orais pressupõe que elas permitem compor parte desta investigação com subsídios nas entrevistas e questionários com pessoas idosas, moradoras antigas que participaram, acompanharam ou simplesmente remetem à memória social sobre a vida de Mãe Xanda na localidade. A pesquisa desenvolveu-se com uma abordagem qualitativa por permitir um exame mais delineado sobre as investigações, posturas e tendências de comportamentos. Nesse ínterim, essa investigação aproxima da realidade de uma mulher que exerceu liderança frente a uma comunidade rural. Para, conhecer esse contexto foi necessário se deslocar até a localidade que se caracterizou como o lócus da pesquisa.

A memória oral, registrada por meio de entrevistas dos relatos orais e histórias de vida dialogam com as fontes documentais escritas em livros de memórias locais para subsidiar as fontes e compor este estudo. Em relação às fontes, o diálogo entre a história e a antropologia colaboram com as bases teórico-metodológicas, considerando a necessidade de compreender as histórias de vida dentro de uma estrutura fornecida pela cultura que é explicada por Laraia (2009) como um processo acumulativo, resultante das experiências históricas das gerações anteriores. Trata-se de disposições legais sobre hipóteses prevenidas por outras disposições resultantes do vivido. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo e salienta o fato de que quando o ser humano vê o mundo através de sua cultura tem como consequência à propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e natural.

A principal fonte de coleta de dados utilizada é a história oral, considerando que as pessoas são sujeitos da sua própria história, tendo esse dispositivo de coleta de dados como recurso para retratar o cotidiano a partir dos critérios de raça/etnia, posição na família e o legado deixado. Para nortear as histórias orais também foi utilizada a entrevista, que se desenvolve subjacente a um roteiro básico, sem um padrão rígido.

Os estudos de Pollak (1992) mostram que no caso das pesquisas de história oral que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio se recolher memórias



individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas. Na complementação dessa ideia, Alberti (1990) explica que a história oral busca registrar impressões, vivências, lembranças de pessoas que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade, esta permite um conhecimento do vivido mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não seriam conhecidas. A trajetória, as memórias e saberes de Mãe Xanda estão na memória de muitas pessoas, mas com o tempo tendem a serem apagadas e esquecidas.

Conforme Ortiz (2006) a memória nacional e a identidade brasileira são construções simbólicas que dissolvem heterogeneidade das culturas populares na homogeneização da narrativa ideológica, assim o Estado é a totalidade que transcende e organiza a realidade concreta, delimitando os contornos da identidade nacional. Identidade esta que pode ser entendida como a fonte de significado e experiências de um povo. A identidade como processo, portanto, “se constrói no coletivo, não é um ato individual”. CASTELLS (2002, p. 22).

Recorre-se também aos estudos sobre etnicidade que se referem aos grupos, ou mais exatamente aos povos, que são nações potenciais, situadas em um estágio preliminar da formação da consciência nacional. “Etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função da sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores” BARTH (1997, p. 141).

Conforme Poutignat e Streiff Fennart (1998) a etnicidade é um conjunto de atributos ou de traços tais como a língua, a religião, costumes, o que a aproxima da noção de cultura, ou à ascendência comum presumida dos membros, o que a torna próxima da noção de raça, ela não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna saliente as identidades étnicas.

Além de ouvir as pessoas que conviveram com mãe Xanda ou recontam histórias contadas por suas mães e avós, as histórias, memórias e relatos de antigos moradores do município foram colhidos através de relatos orais, registros por meio de entrevistas e histórias de vida por Nogueira (2004). Tal obra retrata a história local, utilizando também fontes documentais de arquivos de familiares de Mãe Xanda. Isso porque a história oral é o procedimento que permite descobrir pistas, pois através da oralidade o pesquisador consegue angariar dados novos e importantes que não são encontrados e registrados em escritos.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem (THOMPSON, 1992, p. 17).

Ao utilizar métodos e técnicas da história oral a ideia é, conforme Thompson (1992), trazer a história para dentro da comunidade e extrai-la de dentro da comunidade para compreender o que de fato aconteceu. Por isso, a história oral tem se revelado útil na reconstituição de saberes, experiências vividas no cotidiano e fornece dados importantes para auxiliar na compreensão de processos históricos.

A memória de um sujeito pode ser a memória de muitos porque possibilita a evidência dos fatos coletivos. Conforme Halbwachs (1990) a memória é, sobretudo uma (re) construção do passado no presente, contribui também com o debate que distingue memória e história. Essa diferenciação é fundamental para a compreensão de que a memória não traz à tona os fatos vividos, mas os reconstrói de acordo com o pensamento do tempo presente. Ou seja, o que passou é reconstituído a partir das experiências que o sujeito ao contar resignifica. Ela tem a capacidade de adquirir, recuperar, armazenar fatos, acontecimentos, nomes de pessoas e instituições, mas há que se atentar para o fato de que não é o passado, mas a reconstituição do passado na atualidade. Por isso, Le Goff (1990) aponta o estudo da memória social como um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da história, conforme o caso em tela.

Além da memória há que se pensar nos legados tradicionais que fazem com que os grupos se vejam representados no tempo pretérito. Para Hobsbawm (1984), o estudo das tradições esclarece as relações humanas com o passado, a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, considerando que são transmissões de costumes, comportamentos e memórias para as pessoas de uma comunidade e fazem parte da cultura desse povo. O ofício de partejar faz parte das tradições afro brasileiras, sobretudo, por conta das dificuldades que as mulheres negras viveram no período que foram escravizadas e precisavam sozinhas dar conta desse ofício. Portanto, posteriormente essas mulheres continuaram a se destacar como parteiras detentoras de conhecimentos tradicionais, técnicos e do respeito dado por outras mulheres e suas comunidades, mas sem terem o reconhecimento social e profissional, considerando ser uma

atividade não profissional e vista com insignificância e invisibilidade, sendo substituída por outro tipo de assistência mais qualificada, mas muitas vezes desumanizada.

## **A MEMÓRIA E OS RELATOS ORAIS DE ANTIGOS MORADORES**

Alexandrina Constantina da Silva, conhecida carinhosamente pelos informantes dessa investigação por “Mãe Xanda” (1910 – 2006) foi uma mulher negra, simples, sem condições financeiras e viveu no distrito de Três Morros, posteriormente município de Lafaiete Coutinho. Na sua trajetória de vida construiu uma história de quarenta e nove anos de trabalho e é reconhecida, por alguns moradores, como uma das matriarcas mais queridas e amadas do lugar devido ao seu ofício e a sua figura marca a história do município. Portanto, este trabalho destaca a trajetória e o legado da mulher negra, pobre e identifica as redes de relações e sociabilidades construídas por ela, as posições das hierarquias de classe, gênero e raça/etnia, interpreta os significados dos lugares sociais ocupados no espaço público subalterno e realçam a identidade étnica nas memórias sobre os fazeres e saberes de Mãe Xanda.

Exerceu a função de parteira e, para além desse ofício, ajudou famílias, acolheu nas horas de dificuldades e recebeu crianças que chegavam ao mundo, sem atenção e cuidados médicos adequados, por muitas décadas. Portanto, contempla uma história de alguém que viveu e trabalhou em uma localidade, enfrentou as adversidades advindas da falta de recursos, da precariedade econômica e social, destacando ainda o papel daquela que ajudou outras na atuação e prestação de serviços de parteira daquela população.

Conforme informações da família, Mãe Xanda fez mais de um mil partos, encerrando-se suas atividades em Lafaiete Coutinho no ano de 1989, aos 79 anos de idade quando estava idosa e mudou o seu domicílio para a sede do município de Itiruçu, onde fez dois partos de uma sobrinha que residia na referida cidade. Começou a exercer o ofício de parteira aos 30 anos de idade em 1940 após ficar viúva, em uma época que o distrito de Três Morros não tinha estradas e também pelo fato de não ter nenhum veículo automotivo para atender as demandas de deslocamento das parturientes até a cidade de Jequié.

Estudos de Abreu (2005) confirmam que as parteiras tradicionais possuem limitados conhecimentos técnico científicos, principalmente por seu trabalho encontrar-se isolado do



serviço de saúde local, realizando-se em meio a dificuldades e falta de equipamentos e infraestrutura. É notório que essas parteiras desenvolvem habilidades que lhes auxiliam na resolução de problemas em partos difíceis, tais como: bebê fora da posição, sangramento e febre no parto, eclampsia, dentre outros. O autor cita que as parteiras se preocupam com o bem-estar e o conforto da mulher que assistem, assumem as tarefas domésticas, prestam em geral assistência marcada pelo afeto, calor humano, companheirismo, infunde confiança e segurança. Essas qualidades contribuem para potencializar a força da mulher grávida e ajudá-la a conduzir o parto, cria um ambiente que favorece a evolução do trabalho, além de recepcionar e acolher o recém-nascido.

Conforme depoimentos colhidos na região, após fazer o parto, Mãe Xanda mantinha um relacionamento com a família da criança, em muitos casos chamava a parturiente de comadre e as crianças quando cresciam iam à sua casa e pedia-lhe a benção, demonstrando respeito, amor e carinho, apesar de não parentesco consanguíneo. Trata-se do parente de consideração, podendo substituir o pai ou a mãe em circunstâncias diversas. “Um parente por consideração é parente na acepção plena da palavra, com tudo que essa noção implica de mais estrito e profundo”. Ao ser a parteira se era escolhida para desempenhar um papel quase que familiar, era difícil escapar, daí surgiam “novas relações que se tornam tão fortes quanto as de parentesco consanguíneo. É o que os baianos chamam de ‘parentesco por consideração’ que não deve ser confundido com parentesco por aliança” (MATTOSO, 1992, p. 174).

Apesar de não ser parente com laços de consanguinidade, era um papel nobre dedicado às parteiras, mulheres humildes e, na maioria das vezes, analfabetas, mas desenvolviam o dom de partejar, ajudavam dessa forma a centenas de pessoas que dependiam de assistência, papel omitido pelo Estado brasileiro, principalmente no que tange a lugares mais longínquos, sobretudo no nordeste do país.

De acordo com Capiberibe (2002) as parteiras foram e ainda são mulheres humildes com idade entre 18 e 89 anos, a maioria não é alfabetizada. Apesar disso, desenvolvem o dom de partejar por herança de suas ancestrais desde o tempo em que viviam nas senzalas e eram obrigadas a se virar sozinhas. Dessa forma, por necessidade preservam e mantêm conhecimentos que são passados de geração em geração, atuando em locais em que há extrema falta de médicos e condições de locomoção para hospitais, elas viajavam a pé, arriscam em rios, igapós, igarapés e enfrentam os desafios da natureza. São mulheres que vão onde a gestante

espera pelo toque das suas mãos, pelas rezas e cantos que fortalecem o espírito e suprem a falta de políticas públicas de assistência à saúde.

A participação e atuação de Mãe Xanda marca a história do município de Lafaiete Coutinho com o ofício de partejar exercido por quase cinco décadas, Arker (2006, p. 647) chama atenção para a modificação nos rituais dos partos em virtude dos avanços da ciência. Entretanto, nem sempre foi da maneira existente atualmente, conforme a autora “O nascimento já foi parte do cotidiano das famílias. Acompanhado por mulheres parteiras no domicílio e marcado por grande envolvimento afetivo, permitia que a natureza agisse sem interferências”.

Na região não havia estradas em condições de tráfego, por isso sua função era ajudar as mulheres a terem seus filhos. Por conta dessas carências existentes, o ofício de parteira na comunidade era muito requisitado também pelo fato do território do município ser muito extenso e o deslocamento ser feito na maioria das vezes à tração animal<sup>4</sup>. A população via nela uma pessoa amiga e companheira que ajudava nas horas mais difíceis e nessa condição o constrói sua identidade.

Os estudos de Hall (2004) mostram o fator que contribui para a reconstrução dessa identidade e como se faz o sentimento de pertença a uma determinada cultura. Este sentimento contribui para que o sujeito busque traços culturais, seja por meio da sua etnia, bem como de sua identidade cultural em um constante processo de formação. Nesse sentido, Mãe Xanda desenvolveu sua identidade em sua relação com a comunidade deixando um legado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação demonstra que o ato de partejar exercido por Mãe Xanda durante década no distrito de Três Morros permitiu a ela construir sua identidade de mulher negra, e parteira que deixou um legado para a população do município de Lafaiete Coutinho, mas nem por isso, saiu da invisibilidade e chegou a um reconhecimento de um trabalho de relevância social e de promoção de saúde.

---

<sup>4</sup> Tração animal refere-se ao transporte em lombos de burros e cavalos. Este meio de transporte foi bastante utilizado pelos moradores do então distrito de Três Morros e posteriormente nos anos iniciais após a emancipação política e administrativa do município de Lafaiete Coutinho, isso ocorreu pelo fato de não existir estradas em boas condições de tráfego. Mãe Xanda usou muito esse referido transporte nos seus deslocamentos para partejar.



Em que pese, alguns atos isolados relembram o trabalho realizado e a liderança exercida. No ano de 2004, a Prefeitura de Lafaiete Coutinho, através da Diretoria Municipal de Cultura, prestou uma homenagem a Mãe Xanda, na tentativa de demonstrar dessa forma gratidão e reverência à sua memória por ter exercido o ofício de partejar e, sobretudo, pelo o legado deixado por ela para a população lafaietense.

A investigação apresenta relevância social, por que se propõe resgatar a história de uma localidade rural. Nesse sentido, ressalta-se que a preservação das memórias da população é de fundamental importância para o seu desenvolvimento e manutenção, os registros dos feitos históricos e da cultura local é primordial para a reafirmação da identidade de um povo.

Há que se concluir que as mulheres, como Mãe Xanda, aprenderam naturalmente e com a prática o trabalho de partejar. Em condições de trabalho precárias se viam na única condição de realizar um trabalho em domicílio. Nas famílias realizava cuidados à mãe e ao bebê, muitas vezes muito além do parto. Destaca-se a paciência para atender à necessidade de que o parto fosse normal, considerando que não havia outras possibilidades pela total ausência de médicos, falta de hospitais, estradas vicinais sem condições de tráfego, carência de meios de transporte e, sobretudo, falta de ferramentas, instrumentos e até medicamentos. Entretanto, realizavam seu trabalho com desprendimento e a compensação vinha do reconhecimento social individual por parte dessas mulheres, crianças e suas famílias.

Por fim, para responder à questão geradora dessa investigação: Por que o trabalho das parteiras foi tão insignificante do ponto de vista da história? A resposta é simples, a invisibilidade do trabalho de mulheres negras e pobres está relacionada com a identidade étnica, de gênero e de condição social. Ou seja, os reconhecimentos são pontuais daqueles que souberam de sua história e de uma maneira ou de outra foram beneficiados por ela. Mas, do ponto de vista da história oficial, continua no esquecimento e excluída do rol das personalidades.

## REFERÊNCIAS

ABREU, I. P. H. **Trabalhando com Parteiras Tradicionais: a experiência do Ministério da Saúde no período de 2000 a 2004**. Brasília, 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde). Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

ACKER, Justina Inês Brunetto Verruck et al. **As parteiras e o cuidado com o nascimento**. Revista Brasileira de Enfermagem 2006, vol. 59, n. 5, p. 647-651. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n5/v59n5a10.pdf>> . Acesso em 10 outubro 2019.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BARTH, Fredric. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1997.

CAPIBERIBE, J. **Os Anjos da Floresta**: In: JUCÁ, L.; MOULIN, N. (Org.). **Parindo um mundo novo: Janete Capiberibe e as Parteiras do Amapá**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 21.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. vol. 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia Século XIX Uma Província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

NOGUEIRA, Alcides Prado. **Vila de Três Morros, Exemplo de uma Vida**. Jequié: Gráfica Lelian, 2004.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 9ª reimpressão, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, nº 10, p. 200-212, 1992.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



III Congresso Internacional  
V Congresso Nacional

**25 a 28**  
**Agosto 2021**



ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. **A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações.** Rev. Esc. Enferm. USP, 2004, vol. 38, n.1, p.21-27. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342004000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342004000100003)>. Acesso em 10 outubro 2018.